

REVERENCIANDO O MILAGRE DO ALIMENTO

Revering the miracle of food

Cláudia Petry^(*)

Resumo

Ao longo da história humana, sempre se comemorou colheitas fartas, que afastavam a tragédia da fome. Mas a partir de um determinado momento histórico a maioria da humanidade esquece do alimento que a terra deu, por ter perdido a ligação com ele. Atualmente, agricultura é sinônimo de profissão empresarial, lucros, venda, excesso de agrotóxicos, *commodities*, alta produtividade, tecnologia de ponta, enfim, é o capitalismo agrário. Mas na busca da sacralidade das relações dos homens com a natureza, se busca aqui explicar sobre a importância da agricultura familiar, do manuseio da terra, da persistência do *kitsch* nos jardins e por fim propondo a agroecologia como a agricultura que renova os laços do sagrado na produção de alimentos onde os camponeses são os principais sujeitos.

Palavras-chave: Agroecologia. Agricultura familiar. Agricultura camponesa. Paisagem identitária.

Abstract

Throughout human history, we have always celebrated fruitful harvests, which removed the tragedy of hunger. But from a certain historical moment the majority of mankind forgets the food that the earth gave, for having lost the connection with it. Today, agriculture is synonymous with business profession, profits, sales, excess pesticides, commodities, high productivity, cutting-edge technology, in short, is agrarian capitalism. But in the quest for the sacredness of men's relations with nature, the purpose here is to explain the importance of family agriculture, land management, the persistence of kitsch in the gardens and finally proposing agroecology as agriculture that renews the bonds of the sacred in food production where peasants are the main actors.

Keywords: Agroecology. Family farming. Peasantry agriculture. Identity landscape.

INTRODUÇÃO

A relação do *Homo sapiens* com o meio ambiente foi sempre no sentido de usufruir dos recursos. Mas sempre até o limite para permitir sua sobrevivência no meio. Enquanto nômade, se alimentava de frutas, folhas, sementes e carne de caça. Mas foi a partir do momento que ficou sedentário, que se tornou necessário criar a agricultura. Assim, na Turquia, centro de origem do trigo, foi a partir da construção de um templo, que se fez as primeiras plantações para alimentar os trabalhadores (HARARI, 2016). Em outras palavras, a agricultura nasceu da relação humana com o sagrado, a construção de um templo. A alma (*anima*) agradecia com o corpo bem nutrido.

(*) Doutora Université Paris I Sorbonne. Engenheira Agrônoma. Professora de Paisagismo e Agroecologia dos Programas de Pós-graduação em Agronomia (PPGAGRO) e Ciências Ambientais (PPGCIAMB) da Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, RS, Brasil, petry@upf.br.

A pintura realista *Angelus* do francês Jean-François Millet (1857-1859) retrata um casal no entardecer, orando, a própria reverência a Deus, no momento da prece da anunciação. O entardecer é o momento que o céu (sol) “encosta” na terra (Figura 1). É o momento que o homem se esparrama pelo universo, se transforma no próprio cosmos... A noção de religião (*religio* do latim é “respeito pelo sagrado” e/ou *religare* é religar) permite essa existência etérica, resgatando os valores atávicos de divindades e de pertencimento à algo bem maior, o cosmos.

Figura 1 – *Angelus*, de Jean François Millet (1857-1859)



Fonte: MILLET, Jean-François. *Angelus* (1857-1859) Domínio público, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=1262787>.

A teoria culturalista da paisagem (ROGER, 1997) considera o *recol* (reco + cultura) para ver a paisagem e no caso da pintura *Angelus*, uma artialização *in visu* (paisagem valorizada em cartões postais, filmes, ...) está se transformando em artialização *in situ* (*in loco*) nos locais onde se pratica uma agricultura campesina, agroecológica ou sustentável, respeitadora dos direitos humanos e do meio-ambiente.

Se buscará aqui abordar a importância da agricultura familiar local na preservação desse sentimento de pertencimento no cosmo, a partir do caso sul brasileiro, ressaltando a sacralidade do manuseio da terra e das teorias contemporâneas do kitsch no jardim e das maravilhosas perspectivas que a agroecologia nos traz, ao salvaguardar uma relação de respeito e de reciprocidade entre pessoa e natureza.

1 A FORÇA DA AGRICULTURA FAMILIAR LOCAL

No sul brasileiro, as colônias antigas guardam os traços dos pioneiros europeus que merecem serem preservados como componentes de um lugar da lembrança: a paisagem colonial da memória. Um dos ecogramas marcantes são os traços da Trilogia agrária européia. Compostas por motivos paisagísticos na organização das vilas, na arquitetura ‘neo-vernacular’ e notadamente na paisagem “colonial sulina” (PETRY, 2003), são as pequenas propriedades rurais expressando na divisão funcional da área, três áreas com funções distintas, demonstrando assim a trilogia agrária européia (*ager, saltus e silva*: lavoura, potreiro e mato).

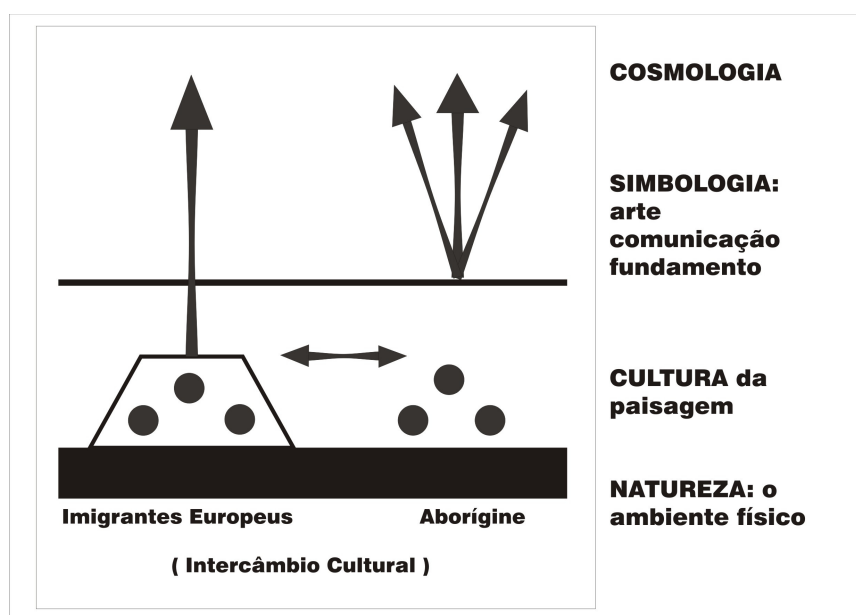
As correntes naturalistas e românticas conseguiram manter visões mais sensíveis sobre os meios naturais. Os principais naturalistas no sul brasileiro (padre Balduino Rambo, Fritz Muller e Fritz Plaumann) eram de origem européia. Com depoimentos expressando sentimentos, denotaram a afetividade pela terra que estudavam, e trouxeram essa visão sensível do território. No linguajar popular cotidiano, tem-se termos bem típicos e recorrentes que refletem a afetividade ao cosmos local: terrinha, terra adorada, *terrabrasilis*, tropicalidade, “vou pra fora” (ao se referir em ir para o campo). Já, os motivos paisagísticos como o ecossímbolo e o *géogramme*, que são elementos materiais que marcam/identificam a paisagem (BERQUE et al., 1994), tem-se sobretudo junto aos descendentes de italianos as representações materiais mais marcantes do sagrado expressa em seus capitéis, campanários e capelinhas.

Na parte mais continental, com esta diversidade de relevos e de meios naturais, somente havia populações de Ameríndios até o século XVIII, quando começou os processos de imigração de Europeus em vagas sucessivas, motivadas pela Coroa Portuguesa em sua política conjunta de colonização do espaço e de «branqueamento» do povo. Antes, as tribos de Ameríndios tinham formas mais leves de ocupar o território, mais cosmogônicas, ou «*cosmophaniques*» (BERQUE, 1999) não deixando grandes obras arquitetônicas (Ver esquema na figura 2), mas sempre expressando uma intimidade afetiva com o terreno, a topofilia de Tuan (1980, p. 129) que afirma: “o meio

ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais”.

Em todo caso, nossos índios autóctones ocuparam este espaço de uma forma mais harmoniosa com a natureza existente, caçando ou colhendo frutos da floresta ou mesmo praticando uma agricultura mais respeitadora dos recursos naturais. Isto dependia das tradições indígenas e do grau de sedentarismo da tribo em questão. Os nômades eram colhedores, pescadores e caçadores e os sedentários já praticavam a agricultura. Os geoglifos amazônicos são uma belíssima expressão dessa cosmofania. De proporções monumentais (WATLING et al., 2017), abertos em clareiras florestais, pra serem vistos do espaço, serviriam para conversar com espíritos ou com o universo. Com a chegada dos Europeus, tudo isso foi violado e o território começou a ser ocupado de forma sistemática e intensiva.

Figura 2 – Relações de cosmologia de imigrantes europeus e de autóctones sulbrasilieiros.



Fonte: PETRY (2003) adaptado por PETRY (2009).

Segundo estudo da FAO, em 2014, dos 570 milhões de estabelecimentos agropecuários que existiam naquele momento no mundo, 500 (90%) são dirigidos ou dependem da mão-de-obra de uma família. Mesmo se 95% dentre estes tem menos de 2 ha, essas unidades produzem 80% dos alimentos consumidos no mundo (SCHNEIDER, 2016a). Quando se relaciona regionalmente no sul brasileiro, o número de pequenas propriedades rurais administradas por famílias em relação ao número total de

propriedades rurais, se constata que existe em torno de 70 % destas com agricultura familiar. Ou seja, a maioria das empresas rurais são pequenas unidades produtivas empreendedoras administradas por mão-de-obra familiar. E isso faz a diferença no perfil econômico regional, ao proporcionar a permanência do (a) agricultor (a) no campo, ao viabilizar a sucessão e assim, o futuro das próximas gerações. Nenhum outro setor da economia permite esse cenário tão positivo, pois é o setor primário que ainda serve de base para uma nação. Não se come dinheiro, come-se comida. E vive-se de forma saudável com alimentos de verdade. Conforme o IBGE, a comida dos (as) brasileiros (as) é oriunda da agricultura familiar.

Entretanto, talvez pela força do atual discurso mediático, e da organização e forma da comercialização, que mistura agricultura de *commoditie* com produção de alimentos, grande parte das pequenas propriedades rurais ainda tem nas *commodities* soja e milho a base da renda. Ao que parece, o (a) agricultor (a) familiar se encontra numa situação de praticar o agronegócio de *commodities* por falta de opção de comercialização de seus outros produtos. Então, torna-se fundamental compreender e relativizar essa suposta desvalorização das atividades produtoras de alimentos.

Nos anos 1970, por causa dos problemas econômicos e de quedas da produção por degradação do solo, o Rio Grande do Sul vivenciou um processo migratório da população rural em direção ao norte do país. Grande parte dos que aqui permaneceram, dentro do sistema produtivo da agricultura familiar (com práticas como rotação e sucessão de culturas, manejo conservacionista do solo, preservação de recursos genéticos da agrobiodiversidade, entre outras atividades de percepção da riqueza e da sacralidade de um território...) e apoiados por políticas públicas de apoio à agricultura familiar desde então, conseguiram manter economicamente a gestão dos recursos de forma a garantir a permanência da família no meio rural. E a grande garantia intrínseca foi sempre a produção de alimentos para consumo próprio e venda do excedente. A riqueza vindo da comercialização interna faz parte da história do Brasil (CALDEIRA, 2017). Se antes, essa ideia foi considerada como pejorativa, hoje ela vem se consagrando como a grande tendência do setor agrícola a nível mundial. Um dos grandes reflexos é a ascensão da prática da agricultura urbana como solução local e autossustentável para a produção de alimentos. E se na região sul brasileira ainda são poucos os exemplos viáveis de agricultura urbana, é porque a agricultura familiar cumpre esse papel de fornecedora de alimentos.

O (A) agricultor (a) familiar que come o que produz, movido (a) pela compreensão do quanto aquele alimento lhe agrega saúde, será um (a) agricultor (a) em coerência com seu conhecimento e sua consciência. O (A) agricultor (a) familiar que em seu cotidiano, ainda percebe as variações de vida do solo e do ambiente, em função de suas práticas efetuadas, e consegue modificar algumas, objetivando resgatar e otimizar essa biodiversidade, é um (a) agricultor (a) à frente de seu tempo. Pois ao agir assim, está atuando diretamente na preservação para seus descendentes, do maior patrimônio, o solo. Cada centímetro de solo desagregado e morto, que é erodido ou assoreado, representa perdas irreparáveis das possibilidades de produção de vida. Solo perdido, erodido, arrastado para os rios é solo morto, que não existe mais. E que nunca mais vai existir. No caso do sul brasileiro, como a maioria segue para o rio Paraná e Uruguai, este solo será apenas sedimentos no fundo do mar del Plata.

O (A) nosso (a) agricultor (a) familiar que salva semente, que guarda materiais genéticos para reproduzir depois, tem o segundo maior patrimônio em mãos: o recurso genético adaptado às nossas condições ambientais, com possibilidades epigenéticas de respostas locais. Essa diversidade genética armazenada nos grãos, legumes, frutas, folhosas, verduras e cereais, é o acúmulo de informações genéticas de milhares de anos, da expressão plástica e produtiva de nutrientes e energia destes materiais nos ambientes locais. Essa informação é preciosa para quem gerencia a colheita da radiação solar pela produção de biomassa através da bioquímica mágica da fotossíntese vegetal. Ou seja, é informação preciosíssima para o (a) agricultor (a) familiar. Observando as respostas das plantas às intempéries (estiagens, granizo, geadas...) e valorizando as remanescentes, reproduzindo-as, nosso (a) agricultor (a) familiar tem auxiliado a natureza a manter as mais fortes, as que se adaptaram e nos atendem hoje, em nossas necessidades nutricionais. Hoje se sabe que infelizmente, extinguíram-se todos os povos que romperam suas fortes ligações com o solo e com os recursos genéticos locais.

De acordo com diversos pesquisadores, estima-se hoje que existam de 12.500 a 30.000 plantas com partes comestíveis por seres humanos, ou seja 10% da biodiversidade mundial total (KINUPP; LORENZI, 2015). Segundo esses autores, cerca de 7.000 foram cultivadas ou colhidas com este fim na história, mas atualmente, infelizmente, 90% do que se consome provêm de apenas 20 espécies, gerando uma pobreza alimentar imprevisível em seus efeitos deletérios para a saúde dos seres humanos. Para designar estes alimentos produzidos localmente nos diferentes biomas, o Ministério da Saúde (2002) chamou-os de alimentos regionais, identificando o (a)

agricultor (a) familiar como o responsável por essa riqueza cultural, pela nobre função de tê-los produzido.

Em diagnóstico de 2013 do serviço de extensão rural estadual, a EMATER de Passo Fundo se observa que as pequenas propriedades familiares tem acesso à incentivos de políticas públicas e à mecanização (tem ao menos um trator em cada propriedade das entrevistadas), tem estrutura física e mão de obra familiar, mas ainda o gestor responsável é de mais idade (mais que 50 anos) e tem preocupações com a sucessão familiar. Ou seja, é necessário melhorar as condições para a permanência dos jovens no campo, pois serão eles que darão continuidade à esta geração de vida e de renda na área rural, que é sempre a maior superfície territorial administrativa. Essa tendência se repete a nível mundial.

Considerando então, que o acervo cultural das famílias dos agricultores familiares locais tem uma enorme importância para os saberes e fazeres locais, deve-se estimular que este conhecimento seja estudado, mapeado, analisado e divulgado. Ainda carecemos de estatísticas locais mais precisas e frequentes dos resultados da agricultura familiar. Precisamos então para o fomento desse banco de dados, de uma extensão rural de qualidade e profundidade técnica. Tem-se ainda várias iniciativas de consultorias de engenheiros agrônomos autônomos que buscam aliar boas práticas à produção de alimentos de alto valor biológico e qualidade e muitos outros profissionais tem contribuído para essa valorização (biólogos, nutricionistas, economistas...).

E por fim, o conhecimento será gerado e difundido na prática pelos (as) filhos (as) de agricultores (as) familiares que gostam dessa profissão, e que querendo continuar no campo, serão estimulados a estudar e retornar à propriedade, mantendo seu olhar carinhoso e orgulhoso sobre esse patrimônio familiar. Somente a motivação destes permitirá a implementação de novas e viáveis alternativas de diversificação da renda familiar. O melhor exemplo é o crescimento constante da demanda e conseqüentemente, da produção de alimentos orgânicos (consumo com aumento de 30 % ao ano).

O gestor político e administrador público que entender que o poder de seu município está na sua autonomia alimentar, na garantia da soberania e segurança alimentar, e que estas dependem visceralmente da força da agricultura familiar do município, este gestor se imporá naturalmente como um grande líder, merecedor de todo apoio e confiança. Pois, só a comida produzida localmente, em solos preservados e ricos em biodiversidade, com manejo ambientalmente correto e com as tradições culturais e patrimoniais valorizadas e preservadas, é que se obterá a qualidade nutritiva e

nutracêutica capaz de alimentar cérebros criativos e existências humanas realizadas e plenas de projetos, com a qualidade que uma unidade administrativa merece. Sem respeitar essas relações de apego à terra, de profundo respeito que o agricultor familiar tem pela sua terra, nenhum administrador conseguirá identificar e estimular estas relações simbólicas sagradas de compartilhadas com a terra.

2 A SACRALIDADE DO MANUSEIO DA TERRA E HABILIDADES EMERGENTES

O solo é a nossa ligação física e material direta com o planeta e com a vida. É nele que andamos e agimos como seres pensantes, dele que retiramos o alimento, com ele construímos nossas casas, nossas cerâmicas e esculturas e nos maquiemos nas celebrações (a base da maquiagem é feita de argila), entre tantos outros usos e benefícios. Portanto, se em todas essas atividades acima citadas, voltarmos a manusear diretamente o solo, estaremos resgatando nossas raízes cósmicas, de pertencimento. Andar de pés descalços aumenta nossa imunidade e nos recarrega de boas vibrações, semear e plantar diretamente com nossas mãos nos satisfaz de uma maneira indescritível, seja pelo ato em si de nos sentirmos produtores/criadores ou pelo prazer da degustação dos frutos da produção própria. Casas construídas com tijolo de barro são benéficas para a saúde, na França por exemplo, são unidades terapêuticas utilizadas em tratamento de saúde ou no turismo de saúde e bem-estar. Em arteterapia, moldar esculturas em barro é uma das atividades mais apaziguadoras e anti-ansiolíticas. Como atividade milenar, esculturas feitas com barro amarelo (*Taguá* em tupi-guarani) ou vermelho (*Ybypitanga*) proporcionam maravilhosos resultados finais na alma. Por fim, máscaras ou emplastos de argila, tanto estéticas quanto terapêuticas são a comprovação milenar do potencial deste material, que é a base do solo, para o bem-estar. Em tupi-guarani, Yby significa ao mesmo tempo terra, solo, chão e sepultura. Terra: nossa herança, nosso presente fascinante e nosso destino final. Os benefícios então são terapêuticos por resgatar esse sentido atávico, o mesmo de nossos ancestrais, “do pó viestes e ao pó voltarás”. Por isso, o manuseio da terra é considerado terapêutico, pois nos faz estar no momento presente, respirando profundamente e permitindo o exercício do mindfulness, da mente estar presente no agora.

Além das habilidades pontuais, esse contato contínuo pode ser uma profissão! Seja a de artista, de ceramista ou de agricultor, permacultor, etc. Esse manuseio melhora as habilidades manuais que envolvem tato e textura, odorato (aquele cheiro gostoso de terra molhada após a chuva, sinal da atividade dos actinomicetos no solo vivo) e visão,

aperfeiçoando nossa capacidade de planejamento e gestão de recursos (ao produzir alimentos, em hortiterapia e paisagismo): como fazer, quanto usar, quando molhar, quando se pode colher, quanto vale... Além disso, se responsabilizar voluntariamente por uma planta gera um senso de engajamento muito forte, aumenta o vínculo com a vida e nos compromete com projetos para o futuro. Portanto, é antidepressivo! Como um animalzinho PET. Mas, plantas não podem sair correndo, então, se elas convivem em pequenos espaços conosco é porque nós permitimos essa vivência. Então, plantas bonitas significam que estão satisfeitas com nossa doação para com a vida delas. Ter plantas saudáveis e esplendorosas no entorno é ter a certeza que o universo está nos agradecendo pelas nossas posturas e atitudes de cuidado e doação.

Esse contato simbiótico e respeitoso com plantas nos presenteia com uma estabilidade emocional e paz profunda crescentes. Ainda mais se a planta foi presenteada por alguém especial e fica linda e exibida conosco. Depois que temos o primeiro vaso (seja orquídea, manjerição ou bonsai de pitanga...) é muito difícil não ampliar o repertório de Marias, Joanas etc. Como se cada uma simbolizasse uma história daquela amizade, daquele encontro, daquele momento, além da beleza dela por si... Esse reaprendizado do ciclo natural da vida (semear, cuidar, colher... tudo no seu tempo) nos desacelera, nos desestressa e todos ganhamos em saúde psíquica, mental e física. Inúmeras pesquisas demonstram a economia em remédios com pacientes em contato com a natureza (ULRICH et al., 1991), com jardins, em exercícios de hortiterapia.

O corpo agradece pois a jardinagem é um dos exercícios aeróbicos mais perfeitos, pois é feito por longos períodos de envolvimento (“até não acabar, não páro!”) com muito prazer sem sentir o tempo passar. Além desta aplicação como terapêutica (hortiterapia), que nos retira de estados tristes e depressivos (seria um hino de amor à nossa vida primeiro) também é uma apreciação da vida como um todo, a biofilia (WILSON, 1984; ULRICH, 1993), um sentimento de apego e de amor em relação à vida, aos outros seres vivos, enfim, uma ode à natureza em sua plenitude pulsante.

Em termos de nutrição, é muito interessante manter uma mini horta em casa pois é uma enorme realização pessoal colher e preparar seus próprios legumes, folhosas, frutas, minifrutos, brotos germinados, sejam convencionais ou plantas alimentícias não convencionais (PANC). Estarão sempre frescos e muito mais nutritivos se produzidos em solo sadio e vivo, com matéria orgânica de excelente qualidade (pode ser oriunda da compostagem caseira do lixo orgânico da cozinha) e regados com a melhor água, que é

a da chuva, coletada com carinho em cisternas protegidas. Tudo isso é possível em pequenos espaços urbanos. Quanto mais respeitoso for a relação com o solo e quanto maior for a biodiversidade dessas mini hortas melhor é a qualidade nutricional destes alimentos ali produzidos. Grandes campanhas européias defendem o consumo de legumes “feios”, para evitar o desperdício (WUYARD, 2017) e estas já chegaram ao Brasil também.

3 O KITSCH NO JARDIM. INTUIÇÃO E INTENÇÃO NA PAISAGEM

O kitsch pode ser o peculiar de um bairro ou cidade, o típico. Inclusive no jardim, uma expressão individual. Tem-se os exemplos da *art brut*, o *chateau du facteur* Cheval e Picassiete, verdadeiros museus ao ar livre na França. Começaram como expressões máximas da criatividade de pessoas comuns, um carteiro e um servente de cemitério. Na época que foram criadas, eram consideradas fora do padrão ou coisa de louco, hoje constituem parte do patrimônio artístico nacional francês. O primeiro próximo a Lion, foi o sonho de um carteiro que durante toda sua vida coletava conchas e pedrinhas, utilizando-as na construção de seu castelo. O segundo exemplo, Picassiete, residência construída por um servente de cemitério, cuja casa e jardim, foram revestidos por mosaicos maravilhosos compostos pelos cacos coletados no cemitério em Chartres, local de trabalho de toda a vida deste servente.

O importante é a intencionalidade de construir algo pessoal, a motivação. No seu espaço e no espaço exterior à moradia parece que a liberdade é maior ainda. Portanto, o jardim pode ser essa válvula de escape para a expressão autêntica, como também sempre foi utilizado como uma prevenção ao estresse, à doença, visto que as práticas de horticultura e da agricultura demonstram o apego do homem à terra onde ele tira o sustento. Concomitante há o processo terapêutico da jardinagem, a hortiterapia, previamente citado.

Portanto, se anões em jardins são considerados kitsch, é fundamental perceber se há uma ligação cultural com essa representação plástica no jardim. Por exemplo, para habitantes do norte da Europa, estes representam os duendes da natureza, e ao observá-los em seus jardins, eles imaginam seus jardins transcendendo em natureza (elemento *silva* da trilogia agrária européia).

Em estudo feito para a Unesco, visando relacionar desenvolvimento cultural e meio-ambiente, Tohmé (1992) reforça a importância de estimular a preservação das identidades culturais das práticas agrícolas, sanitárias, arquiteturas, entre outras, e

também no domínio do trabalho, da tecnologia e da cultura. E sugere que o desenvolvimento cultural depende da promoção da criatividade, encorajamento das práticas artesanais, reforço da identidade cultural, promoção de trocas culturais, proteção do patrimônio cultural e desenvolvimento de certas atitudes em relação à cultura. Sempre do ponto de vista de suas relações com o meio-ambiente. Portanto, ter esse espaço do jardim para poder expressar culturalmente essas habilidades artesanais é uma grande possibilidade de fomentar identidades regionais.

Para Donadieu (2000), gostos refinados ou populares, identificam intenções diferentes de paisagens e de lazer na natureza; mas confirmada é a existência da cultura do jardim, e dali a constatação de que vivemos numa sociedade paisagista, ávida de significações de território, símbolos ou motivos paisagísticos (BERQUE et al., 1994).

Em Passo Fundo, sul do Brasil, não há uma tradição formal de jardins, mas ele sendo cultivado ao longo desses duzentos anos em todas as classes sociais. Como na maioria das cidades de médio porte, a elite paga o serviço de paisagistas e floriculturas comerciais para possuir jardins que seguem a tendência atual, com pedras, plantas de alto valor agregado (cycas, kaizukas, bambu-mossôs, palmeira azul...) e muita funcionalidade. O jardim é uma extensão funcional da casa, é a sala de estar ao ar livre. Já para as camadas mais populares e pobres, ele é composto pela coleção humilde de plantas, obtidas da permuta com conhecidos, ou até do roubo (segundo o ditado popular 'planta roubada é a que pega') e é constituído permanentemente, sendo incorporado como vasos, recipientes que sobram no uso cotidiano (latas, baldes, panelas, ...) assim como os elementos decorativos ou delimitadores do espaços (tijolos, bombas d'água manuais, ...). E são jardins diferentes uns dos outros. Basta ver os jardins dos bairros de habitação popular, antigas COHABs. Começam como tabula rasa e em poucos anos, estão investidos de expressões individuais, seja pela escolha das espécies, seja pela intensidade (ou ausência) de podas (a delimitar volumes plásticos) de arbustos e árvores.

Para Tohmé (1992), o conhecimento recíproco de tradições caracteriza um país ou região; mesmo bens mobiliários e souvenirs familiares constituem patrimônio. As festas podem ser o fórum de intercâmbio de práticas, receitas, danças e tradições. Sempre em torno da degustação, da gastronomia típica ou das festas das boas colheitas. Para este autor, o patrimônio cultural deve ser inventariado, depois protegido, restaurado, valorizado e animado. Assim também com os jardins. Mas como organizar minimamente essa heterogeneidade?

Habitantes-paisagistas foi a designação que o artista plástico francês Bernard Lassus criou ao estudar sistemas de referência e mecanismos plásticos sobre os quais pessoas comuns se baseavam para organizar seus espaços (LASSUS, 1977). Identificou que todos estabeleciam uma primeira escala, do mais natural ao mais artificial. E extrapolou para a paisagem, visto que esta não é um *plus* de ordem decorativa, mas é a possibilidade mesmo de se representar e de se apropriar do espaço que habita. Como paisagista, sendo repetitivo, há menores possibilidades da comunidade se apropriar.

“O cuidado que se tem ao florir sua casa testemunha um nível cultural particular e os magníficos jardins que prolongam as salas de estar denotam o nível de desenvolvimento cultural dos construtores e de seu apego à natureza” (TOHMÉ, 1992, p.113). Para este autor, povos com nível cultural muito elevado que construíram jardins grandiosos como Generalife, exemplificam que amor pela natureza e devoção à cultura se juntam na mesma coisa. Então, a expressão plástica no jardim denota essa peculiaridade cultural.

Como paisagista brasileiro, Barra (2006), se interroga se paisagismo é moda ou coerência, e ironiza ao polemizar as categorias de plantas *in, fashion, up-to-date*, ou *out*, plantas cafonas ou bregas, como se os vegetais pudessem ser classificados em categorias como essas. Para ele, saturam-se de rosas, jibóias, pingos-d’ouro, até começar outros ciclos, de novidades efêmeras em função de festivais de arroubos estilosos. Para ele, conhecer a fundo as nossas paisagens é uma obrigação profissional. Talvez, a iniciativa pessoal de se ter seu jardim é o que há de mais inédito e identitário, longe da moda e também da coerência de um profissional.

Lassus (1999) então, ao explicar sobre sua intervenção no bairro de Uckange (pinturas nas fachadas dos edifícios), ressalta que colorir imóveis não é difícil, o mais delicado era constituir um sistema plástico variado, suficientemente portador de senso para seus habitantes. Ao buscar o máximo de diversidade nas pinturas artísticas desse bairro popular, ele contribuiu a valorizar certo tipo de habitat onde os habitantes viam por eles mesmos que havia algo de diferente, o qual podiam se orgulhar.

Ainda relacionando cultura, para Tohmé (1992), o desenvolvimento de atitudes e práticas culturais positivas envolve a sensibilização do gosto pessoal ao belo (estimula os cultivados a respeitar o patrimônio cultural e os incita a trabalhar na sua preservação, para compartilhar com outras pessoas), que começa no ambiente familiar, onde a criança deve ser impregnada do respeito da natureza e do amor da arte, e este despertar da personalidade deve ser estimulado e mantido. Deve-se estimular a participação à

responsabilidade, a busca pela identificação das atitudes e das práticas, o estímulo à mobilização da mulher e a contribuição da arte ao desenvolvimento cultural e à salvaguarda do meio ambiente.

Atualmente, fotos e quadros são menos importantes na evolução de valores paisagísticos, em favor de algo vago, fundamentado no movimento e no tempo. Assim, a arte dos jardins parece ser o meio próprio para a expressão destas idéias. Em projeto, para retirar essa noção de fixo/estagnado, Lassus (1999) acrescentou *inflexus* de um processo, cujos elementos são perpetuados ou revelados pela análise inventiva (termo seu também), levando à evolução ordinária dos lugares. Talvez aqui o kitsch praticado individualmente transpareça essa noção de liberdade de expressão no espaço, reinventando símbolos, afirmando estilos personalizados e identidades culturais. O clássico kitsch anão de jardim, quando utilizado no Brasil pelos descendentes de imigrantes do norte europeu, representa realmente um ser Elemental da natureza, o duende, e evoca a natureza ‘virgem’, a *silva*, no jardim. Para Paul Valéry, “de todos os atos, o mais completo é o de construir” (Paul Valéry, 1921 apud TOHMÉ, 1992) e sim, o kitsch pode representar essa liberdade de expressão. E porque não os jardins biodiversos da permacultura, tão em voga atualmente? Os jardins em movimento de Gilles Clément também expressam esse respeito ao existir dos seres (Figura 3).

Figura 3 – Jardim dos sentidos, Paisagista Gilles Clement, Poitiers, França, 2013.



Fonte: A autora.

4 PERSPECTIVAS NA AGROECOLOGIA

De uma forma geral, inúmeras tendências atuais tem difundido formas diferentes de ver e usufruir a paisagem sagrada: multifuncionalidade e senso “*heterotopyque*” das paisagens: Jardim “planetário” (Gilles Clement); “Capoeiras” urbanas (*friches*): a “natureza” na cidade e “*campagnes*” periurbanas (agricultura urbana), ainda os jardins operários; jardins compartilhados/coletivos e os jardins familiares. A agricultura urbana agroecológica, com hortas biodiversas, lembram essas antigas capoeiras, mas são altamente produtivas e fomentadoras da vida selvagem no meio urbano.

Aplicações atuais envolvem ações também no desenvolvimento rural com turismo (produção agrícola “imaterial”), produtos do *terroir* (apelação de origem controlada), permanência nos locais de origem: conservação de costumes, tradições, rituais (ligados ao território) e preservação do “patrimônio”, manifestações culturais e folclóricas ; valorização dos “Lugares da memória”, paisagens, cidades e rotas turísticas. Para o historiador francês Pierre Nora (NORA, 1992), a memória coletiva de um grupo social é cristalizada em certos lugares com um valor simbólico, cuja função é constituir uma identidade, visto que tais lugares fazem parte da história e da memória. Para ele, um lugar da memória pode ser um objeto material e concreto, eventualmente situado geograficamente, mas pode ser um objeto abstrato e intelectualmente construído.

A agroecologia é o conceito mais amplo como alternativa de respeito à vida, à diversidade, de tolerância e de consumo frugal e satisfatório, como o minimalismo. Aos produtos de apelação de origem controlada (AOC), o Movimento *Slow food* se apropriou dos produtos locais pois são o “eco do *terroir*”, valorizando-os ainda mais (GARCIA-PARPET, 2016). Em sistemas agroecológicos, é ainda mais viável a “Agronomia social” de Chayanov, este esboço de uma agronomia que reconhece a centralidade das interações entre, e a transformação mútua de, pessoas e natureza (PLOEG, 2016, p.25), organizada em cooperativas onde a renda, bem estar e satisfação dos membros é o que importa (CHAYANOV, 2017). É este conhecimento dos recursos locais (expressão do estar presente, do reconhecimento do sagrado)... *a art de la localit e* e a valorização da intuição. Reciprocidade entre homem e natureza, entre pessoas e terra, surge em todo o lugar onde existe a prática da agricultura camponesa (PLOEG, 2016), tem a ver com dar e receber. Religar. Sentir-se em casa. E bem.

Para a sensibilização ao consumo consciente, em se tratando de alimentos orgânicos, são inúmeras as vias. Hoje se tem o circuito curto (venda de proximidade),

venda direta ao consumidor na fazenda; as tradicionais feiras livres de alimentos orgânicos; consumidores apoiando agricultores; agricultura urbana agroecológica. Com os envolvidos buscando coerência e comércio justo, há um aumento no valor agregado do alimento; valorizando agricultores familiares orgânicos estimulando a resiliência e diminuindo o êxodo rural.

Para Schneider (2016b), o mercado de proximidade, do camponês ou produtor de excedentes, feito com venda direta, *spot*, local, apresenta a natureza das trocas interpessoal e solidária e a forma de regulação se baseia na confiança e amizade; sendo os canais de comercialização: a propriedade com o colha-pague, no domicílio/casa, na beira da estrada, entrega direta, feira local e grupos de consumo. Para muitos consumidores, a ida à feira no sábado de manhã, é como ir pra igreja, tamanho bem-estar e prazer que o passeio e as aquisições proporcionam. Novamente vem a tona o deleite do prazer gastronômico, a ligação com a terra através do consumo de seus produtos, torna-se uno com ela. É grato, por reconhecer a sacralidade deste alimento.

Se para HERAULT (2016) os agricultores familiares (*paysans*) tem nas mãos “o essencial das boas e más soluções à algumas das maiores incertezas do futuro: segurança alimentar, biodiversidade, atenuação das mudanças climáticas, recursos hídricos, etc.”, se observa que usar e transformar a natureza também exige pessoas capazes de lidar com diversidade, incerteza e caprichos (PLOEG, 2016). Quanto menores as áreas, mais elaboradas são as relações intrínsecas (SCHUMACHER, 1973). Centralizar na coprodução (viver da terra) implica aceitar que o desenvolvimento agrícola é o resultado de interações e transformações contínuas, remodelando paisagens, podendo criar novas possibilidades produtivas. Implica em maleabilidade dos recursos naturais (a agricultura se desenvolve endogenamente) e em coprodução realçando habilidades. E por fim implica em reconhecer que na agricultura camponesa, o equilíbrio entre pessoas e natureza é essencialmente de reciprocidade (PLOEG, 2016). Seria uma espécie de sacralidade?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do alimento à paisagem, embora tantas origens étnicas, estas se entrelaçam, se misturam e crescem em sentido com o intercâmbio com os povos autóctones e com os africanos, todos componentes do povo brasileiro. O mais importante hoje é resgatar o sentido que as gerações futuras vão atribuir à este legado cultural que apenas se transmitirá se for garantida a permanência dinâmica dessas tradições e costumes que

contam nossa história em comum, e que permanece através da memória cultural – a coletiva – e esta memória individual, familiar e única de cada um de nós.

Mesmo se esta herança tem sido valorizada atualmente pelo turismo ecológico e sustentável, onde autênticas paisagens da memória contam esta história de trocas e de adaptação, da sacralidade das relações com o meio-ambiente na busca da produção de alimentos saudáveis, é preciso insistir para guardar a memória e investir, agir para preservá-la viva *in locus* em nossos jardins e paisagens.

REFERÊNCIAS

- BARRA, Eduardo. **Paisagens úteis**. São Paulo: Sena/Mandarim. 2006.139p.
- BERQUE, Augustin; CONAN, Michel; DONADIEU, Pierre; LASSUS, Bernard; ROGER, Alain. **Cinq propositions pour une théorie du paysage**. Seyssel: Champ Vallon. 1994. 123p.
- BERQUE, Augustin; CONAN, Michel; DONADIEU, Pierre; LASSUS, Bernard; ROGER, Alain. **Mouvance: cinquante mots pour le paysage**. Paris: Ed. de la Villette. 1999. 100p.
- CALDEIRA, Jorge. **História da riqueza no Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil. 2017. 624p. II.
- CHAYANOV, Alexander. **A teoria das cooperativas camponesas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. 296p. il.
- DONADIEU, Pierre. **La société paysagiste**. Versailles: ENSP. 2000.155p.
- GARCIA-PARPET, Marie France. Valorização dos produtos locais e mundialização dos mercados. In: MARQUES, Flávia Charão; CONTERATO, Marcelo Antônio; SCHNEIDER, Sérgio (Org.) **Construção de mercados e agricultura familiar. Desafios para o desenvolvimento rural**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p.159-181.
- HARARI, Yuval Noah. **SAPIENS. Uma breve história da humanidade**. 9ed. Porto Alegre: L&PM. 2016. 464p. II
- HERAULT, Bruno. **La population paysanne: repères historiques**. LES PUBLICATIONS DU SERVICE DE LA STATISTIQUE ET DE LA PROSPECTIVE. Ministère de l'agriculture, de l'agroalimentaire et de la forêt, Paris, France. CENTRE D'ÉTUDES ET DE LA PROSPECTIVE, n.11, 2016. 25p.
- KINUPP, Valdely Ferreira; LORENZI, Harri. **Plantas alimentícias não convencionais (PANC): guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas**. São Paulo: Instituto Plantarum de estudos da Flora. 2015. 768p. II.
- LASSUS, B. **Jardins imaginaires**. Paris: Weber. 1977. (coll. Les Habitants-paysagistes)
- LASSUS, B. **Autour des valeurs paysagères**. IN: POUALLAOUEC-GONIDEC, P.; GRIÉPY, M.; LASSUS, B. **Le paysage territoire d'intentions**. Paris/Montreal: Harmattan. 1999. p.153-168.
- MILLET, Jean-François. **Angelus (1857-1859) Domínio público**, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=1262787> . Acesso em 13 de julho de 2019.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Alimentos regionais brasileiros. Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação-Geral de Política de Alimentação e Nutrição. 1 ed. Brasília. Série F, n.21. Comunicação e Educação em Saúde. 2002. 140 p.
- NORA, Pierre. **Les Lieux de mémoire**. Vol. III, Paris: Gallimard (Bibliothèque illustrée des histoires). 1992. 1652 pp.

PETRY, Cláudia. Construction de l'identité des paysages: l'imaginaire des paysages et l'identité territoriale au Sud du Brésil, **Tese Doutorado em Geografia**. Université Paris 1 Pantheon-Sorbonne, PARIS 1, Paris, França, 2003, 340p. il.

PETRY, Cláudia. Ética, estética e sustentabilidade. In: ALVES, Schirley F. C.; REIS, Simone; PAIVA, Patrícia. **Coletânea dos simpósios de paisagismo 2002-2008**. Lavras: UFLA, 2009, p.67-79. il

PLOEG, Jan Douwe van der. **Camponeses e a arte da agricultura: um manifesto Chayanoviano**. São Paulo; Porto Alegre: Editora Unesp/ Editora UFRGS, 2016. 192p. il.

ROGER, Alain. **Court Traité du paysage**. Paris: Gallimard. 1997. 199p. il. (Bibliothèque des Sciences Humaines)

SCHNEIDER, Sérgio. Prefácio à edição brasileira. In: PLOEG, Jan Douwe van der. **Camponeses e a arte da agricultura: um manifesto Chayanoviano**. São Paulo; Porto Alegre: Editora Unesp/ Editora UFRGS, 2016a. 192p. il.

SCHNEIDER, Sérgio. Mercados e agricultura familiar. p.93-140. In: MARQUES, Flávia Charão; CONTERATO, Marcelo Antônio; SCHNEIDER, Sérgio (Org.) **Construção de mercados e agricultura familiar**. Desafios para o desenvolvimento rural. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016b.

SCHUMACHER, E.F. **O negócio é ser pequeno** (Small is beautiful). Um estudo de economia que leva em conta as pessoas. Rio de Janeiro: Zahar. 1973. 262p.

TOHMÉ, Georges. **Développement culturel et environnement**. Paris: Unesco/ONU. 1992. 127p.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980, 213p.

ULRICH, R., SIMONS, R.F.; LOSITO, B.D.; FIORITO, E.; MILES, M.A., ZELSON, M. Stress recovery during exposure to natural and urban environments. **Journal of environmental psychology**, v.11, p. 201-230, 1991.

ULRICH, Roger S. Biophilia, Biophobia and natural landscapes. In: KELLERT, S. R.; WILSON, E. O. (Ed.) **The biophilia hypothesis**. Washington, DC: Island Press, Shearwater Books, 1993, cap. 7, p.73-137.

WATLING, J. et al. Impacto of pre-columbian “geoglyph” buildes on Amazonian Forests. *PNAS*, v.114, n.8, p.1868-73, 2017.

WILSON, E. **Biophilia: the human bond with other species**. Cambridge: Harvard University Press. 1984. 157p.

WUYARD, Kathleen. Quand les fruits et légumes moches font recette dans l'assiette.

INTERMARCHE, 14/11/2017. Disponível em:

<https://parismatch.be/lifestyle/food/90708/quand-les-fruits-et-legumes-moches-font-recette-dans-lassiette> Acesso em 26 de agosto de 2019.

(Recebido em julho de 2019; aceito em julho de 2019)